

## EDITORIAL

*Enio Paulo Giachini*

A todos os leitores atentos e interessados na filosofia medieval e em seus pensadores, a Scintilla saúda novamente com algumas propostas de leitura e estudo, sempre com a proposta e intenção de crescermos na pesquisa desse grande universo em parte ainda inexplorado da Idade Média.

Assim, inicialmente temos um texto enviado pelo grande medievalista Alessandro Ghisalberti, da Universidade Católica de Milão, que nos fala sobre o filósofo Scotus Eriúgena, um pensador muito pouco estudado no Brasil e do qual ainda carecemos de bons trabalhos de tradução de seus volumes. O título do artigo já indica seu estudo. O mundo e sua criação, como lugar de manifestação do divino, teofania. O Princípio está caminhando e conduzindo mundo e homem para sua evolução, ou seja, sua plenificação em sua origem.

O professor Alyson Bueno Francisco faz uma bela análise das categorias de espaço e tempo, partindo de Aristóteles e adentrando alguns pensadores medievais, como Tomás de Aquino, Grosseteste e R. Bacon. A presença da observação e análise dos astros foi um elemento que sempre acompanhou de perto e norteou em todos os sentidos as condutas dos interesses humanos. Trata-se de uma aproximação que merece ser estudada.

Jeferson Dionísio faz um estudo a partir de Justino de Roma, dos primórdios do Cristianismo. Sua abordagem extrapola a apologia religiosa e trata de elementos de cunho eminentemente filosófico. Esse casamento entre filosofia e teologia já começara bem antes de Agostinho e irá estender-se por toda a Idade Média. E Justino vai ser um dos pioneiros a tomar esse rumo.

A.C. Marçal nos traz um artigo discutindo o conceito de transcendência do Dasein e a possibilidade de elaborar convergências deste com a questão

da alma no Neoplatonismo, mais especificamente com as ideias de Filon, Plotino e Proclo e o conceito de Negatividade da mística cristã – Dionísio e Mestre Eckhart.

Precisamos agradecer ao Prof. António Rocha Martins pela permissão em reproduzir um texto já publicado abordando o tema inesgotável dos nomes divinos a partir de Boaventura e Dionísio Areopagita. É possível dar nomes a Deus e quais? Boaventura responderia que se realiza mediante a negação, significa também uma expressa forma de a linguagem apreender positivamente o que o Ser divino é para nós: não é possível totalizar Deus no pensamento, mas é possível apreender totalmente a sua existência por meio da linguagem. Tornando por base inúmeras citações do Areopagita, conclui-se que a incompreensibilidade não afeta o conhecimento, visto não tornar Deus estranho ao pensamento, sendo possível predicar positivamente Deus *sicut est*. Indo pelo lado da essência (para além da qual Deus está sempre), a predicação negativa vê no nome a dissolução do Inefável, pelo que as negações seriam mais verdadeiras do que as afirmações.

O Professor Saulo M. Dourado faz uma análise dos nomes divinos do Areopagita partindo de Tomás de Aquino e Mestre Eckhart, ambos discípulos do Mestre Alberto Magno. Tomás de Aquino assumiria a teologia negativa de Dionísio em prol de uma teoria do conhecimento da via da remoção em geral, enquanto Eckhart coloca a questão em uma ontologia, no fundo sem fundo da alma e de Deus. Dionísio Areopagita, hodiernamente Pseudo-Dionísio Areopagita ou Dionísio Pseudo-Areopagita, foi alçado à autoridade máxima da Teologia.

Na seção “Tradução”, trazemos um texto de Edith Stein sobre o Areopagita, intitulado “Modos de conhecer a Deus: a teologia simbólica do Areopagita e seus pressupostos objetivos”. Trata-se de um texto precioso, onde a autora aborda a ordem em que o Areopagita trata do ser e do conhecimento, bem como das diversas etapas e estágios da teologia e negativa. Como tudo que a Stein escreve, é um texto que pode orientar qualquer leitura e interpretação da questão dos nomes divinos e do pensamento de Dionísio Areopagita.

Boa leitura a todos!